

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

OCTÁVIO AUGUSTO LINHARES GARCIA REIS

**POBREZA ACOSSADA: análise de dois romances de Dyonelio
Machado, *Os ratos* e *Desolação***

Orientador: Prof. Dr. Homero Vizeu Araújo

Porto Alegre
2017

OCTÁVIO AUGUSTO LINHARES GARCIA REIS

**POBREZA ACOSSADA: análise de dois romances de Dyonelio
Machado, *Os ratos e Desolação***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciatura em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Homero Vizeu Araújo

Porto Alegre

2017

OCTÁVIO AUGUSTO LINHARES GARCIA REIS

**POBREZA ACOSSADA: análise de dois romances de Dyonelio Machado,
*Os ratos e Desolação***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciatura em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Homero Vizeu Araújo

Tiago Lopes Schiffner

Carlos Augusto Bonifácio Leite

Para Véra e Antônio

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Véra, que me ensinou a amar os livros; e ao meu pai, Antônio, pelo exemplo de caráter e integridade.

À minha irmã, Ana, cuja doçura e sensibilidade me inspiram.

À Julia, minha companheira, pelo carinho, camaradagem e estímulo intelectual.

Ao Professor Dr. Homero Vizeu Araújo, pela orientação, paciência, e incentivo, sobretudo.

Aos colegas do grupo de pesquisa, pelos debates estimulantes, pela amizade sincera.

*Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho volta seu interesse para a obra *Os Ratos*, de Dyonelio Machado e os romances da chamada *Tetralogia da Perseguição e Opressão*, também do mesmo autor, focalizando, nesse conjunto, em especial, o romance *Desolação*. Tendo como objetivo uma leitura crítica dessas obras, o estudo aqui delineado busca entender como esses romances formalizam uma visão em relação aos impasses nacionais e às possibilidades de superação do atraso via a solução política apresentada pelo campo da esquerda. Apresentam-se como pontos de partida dessa análise a relevância inédita que personagens pobres ganharam na literatura da época, bem como as soluções encontradas pelos narradores na tentativa de superar o abismo que separava os intelectuais das classes mais baixas da sociedade. A leitura aqui apresentada busca demonstrar e comparar características das trajetórias dos protagonistas dos dois romances: personagens desvalidos e em situações desfavoráveis. A peculiaridade dos narradores dyonelianos, a recorrência do discurso indireto livre e atmosfera encalacrada dos romances também serviram como chave de entrada para o estudo aqui apresentado.

Palavras-chave: Dyonelio Machado. Romance. *Os Ratos*. *Desolação*. Forma literária. Narrador. Discurso indireto livre. Pobreza. Arranjo. Perseguição. Romance de 30.

ABSTRACT

The following paper turns its interest to the novel *Os Ratos*, by Dyonelio Machado and the other works from the thus forward called Tetralogy of Persecution and Oppression, by the same author, focusing, from this group especially, on the *Desolação* novel. Having as its goal a critical interpretation of these works, the following study seeks to understand how these novels formalize a vision regarding the national impasses and the possibilities of overcoming the underdevelopment via the political solution presented by the leftist field. As the starting points of this analysis, we have the innovative relevancy that impoverished characters earned in this time's literature, as well as the solutions found by the narrators in trying to overcome the abyss that kept intellectuals apart from the lower strata of society. The interpretation hereby presented seeks to demonstrate and compare characteristics of both of the novel protagonists paths: destitute characters, in unfavorable situations. The peculiarity of the dyonelian narrators, the recurrence of the free indirect discourse and the heavy, stuck atmosphere of the novels have served as well as an entrance key for the study that follows.

Key-words: Dyonelio Machado. Novel. *Os Ratos*. *Desolação*. Literary form. Narrator. Free indirect discourse. Poverty. Persecution. Neorealism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OS RATOS: FAVOR E FORMA LITERÁRIA	13
2.2 OS RATOS E O ROMANCE DA URBANIZAÇÃO.....	13
2.3 O DISCURSO INDIRETO LIVRE EM <i>OS RATOS</i>	16
2.4 OSCILAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS NARRATIVOS.....	17
2.5 TRABALHO <i>VERSUS</i> “CAVAÇÃO”	18
2.6 RATOS CORDIAIS: FAVOR DO DIRETOR E FAVOR ENTRE POBRES	19
2.7 CIRCULARIDADE E IMOBILIDADE	22
3 DESOLAÇÃO: POBREZA, CONSCIÊNCIA PRECÁRIA E PERSEGUIÇÃO POLÍTICA ...	24
3.1 A TETRALOGIA DA PERSEGUIÇÃO E OPRESSÃO.....	24
3.2 A VIAGEM DE IDA.....	26
3.3 A VIAGEM DE REGRESSO	29
3.4 O DISCURSO INDIRETO LIVRE EM <i>DESOLAÇÃO</i>	30
3.5 “CAVAÇÃO” <i>VERSUS</i> PERSEGUIÇÃO.....	33
3.6 A PIROMANIA DE MANIVELA.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

Os anos 30 são marcados por diversas transformações no cenário brasileiro. A crise política que se agravava na década anterior culmina na derrocada do sistema político até então vigente, posteriormente batizado de República Velha. Em meio a denúncias de fraude nas eleições e o assassinato do vice-líder da chapa oposicionista, um golpe de estado ergue ao poder, em 1930, Getúlio Vargas, que havia sido derrotado nas urnas (SKIDMORE, 1998). A chamada *Revolução de 30* representou um rearranjo das elites no poder brasileiro, muito mais do que uma ruptura. O novo governo tratou de tomar decisões que visavam à centralização do poder tanto do ponto de vista político, quanto econômico. Amparado, por um lado, nas Forças Armadas, por outro, em uma nova aliança de classes envolvendo a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana, Getúlio promoveu – especialmente a partir de 1937 – o avanço do país em direção à industrialização e à modernização (FAUSTO, 2015).

O período também ficou marcado por notável agitação política. A inconformidade com os fracassos da primeira república, que havia ganhado expressão nas diversas revoltas da década de 20, começa, durante os primeiros anos de Vargas no poder, a adquirir tonalidades ideológicas, trazendo para o panorama político brasileiro uma polarização que se agravava na medida em que tomavam forma as desconfianças em relação ao novo governo estabelecido. No polo esquerdo do espectro político, o PCB comandava as ações, encabeçando, em 35, a criação de uma frente de esquerda: a Aliança Nacional Libertadora (ANL). À direita, a principal força era a Ação Integralista Brasileira, cujas tendências assemelhavam-se, em alguma medida, às do fascismo europeu. Quando, em 1935, comunistas ligados ao PCB e orientados por Moscou arriscam um golpe de estado – logo derrotado pelas forças oficiais – Getúlio Vargas encontra o pretexto de que necessitava para colocar o aparato repressivo do estado a serviço da perseguição de seus inimigos políticos, dessa vez de forma ainda mais irrefreada (SKIDMORE, 1998). O episódio abriu caminho para o crescimento do autoritarismo e o aumento da repressão aos comunistas e à esquerda em geral (FAUSTO, 2015).

Esse conjunto de transformações teve também seu reflexo no campo literário, que passou a abrigar intimamente ideologias políticas, acompanhando a atmosfera de radicalização do período. Mesmo os textos daqueles escritores não explicitamente identificados com nenhum dos polos da disputa ideológica apresentavam temáticas e preocupações relacionadas aos problemas da sociedade brasileira (CANDIDO, 2011), o que

demonstra o quanto “a intelectualidade efetivamente não se enxergava, naquele momento, nem um pouco desconectada da realidade política, seja tendendo à esquerda, seja à direita” (BUENO, 2006, p. 36). A tomada de consciência dos intelectuais e artistas da época em relação ao atraso nacional (CANDIDO, 2011) levou ao desenvolvimento de uma literatura voltada para os problemas sociais. A intensa consciência estético-social dos anos 1930-1940 (CANDIDO, 2011b, p. 186) serviu de suporte à produção de inúmeras obras dispostas a tematizar a realidade social brasileira, formando-se, no período, um interessante quadro de romances que formalizavam variadas visões e versões a respeito do atraso nacional, devidamente configuradas a partir dos matizes ideológicos diversos que povoavam os pensamentos da intelectualidade da época. Batizada, por Antonio Candido, de “fase de pré consciência do subdesenvolvimento”, a produção do período focalizou o homem pobre, estabelecendo uma inédita complexidade na construção e caracterização desses personagens desvalidos, vistos agora não como refratários ao progresso, mas vítimas de uma dinâmica social que os colocava em situação de degradação, cuja causa principal era a espoliação econômica, e não mais o destino individual (CANDIDO, 2011b).

Tal fato ajuda a explicar a predileção desses autores pelo romance de tendências realistas. Urgia, para os escritores do período, a necessidade de explicar o fracasso nacional, ou então de debater as possibilidades de futuro para o país, frequentemente vislumbradas a partir das tendências ideológicas em pauta. Por vezes, essa preocupação implicou – tanto do ponto de vista da criação, quanto da avaliação literária – uma supervalorização da temática em prejuízo da elaboração formal, conforme comenta Antônio Candido

O gosto, ou pelo menos a tolerância pelo informe, o não artístico (em relação aos padrões da tradição ou aos da vanguarda), levou por vezes a supervalorizar escritores que pareciam ter a virtude do espontâneo; e a não reconhecer devidamente certas obras de fatura requintada, mas desprovidas de ideologia ostensiva, como *Os ratos*, de Dionélio Machado (1935), ou *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos (1937). E talvez um artista de grande nível, como Graciliano Ramos, tenha sido mais valorizado pelo temário, considerado inconformista e contundente, do que pela rara qualidade de fatura, que lhe permitiu fazer obras realmente válidas. (CANDIDO, 2011, p. 239)

Dyonelio Machado aparece em posição de destaque na formulação de Candido, ao lado de Ciro dos Anjos e Graciliano Ramos (que também enfrentou a prisão durante o regime varguista). O autor de *Os Ratos* viveu intimamente o turbilhão político que marcou o decênio de 30. Preso em duas ocasiões, o escritor gaúcho passou, no total, cerca de dois anos na

prisão. Alguns dias após presidir a instalação da ANL na capital gaúcha, em julho de 1935, Dyonelio é detido pela primeira vez, acusado de delito de opinião. Após três meses em cárcere, o escritor recupera sua liberdade para ser, logo na sequência, novamente detido, na esteira da repressão que se seguiu ao levante comunista fracassado, ocorrido em novembro daquele ano. É na prisão que o escritor adere efetivamente ao Partido Comunista (FISCHER, 2013). Durante a década de 40, a ficção de Dyonelio Machado se volta sobre esses anos de repressão, tematizando as experiências de perseguição e prisão promovidas pelo regime de Vargas.

O presente trabalho tem como objetivo a análise da obra de Dyonelio em dois momentos diferentes. A partir da análise de *Os ratos*, de 1935, e de *Desolação*, publicado em 1944, buscou-se evidenciar como cada uma dessas obras formaliza uma visão em relação aos impasses nacionais e às possibilidades de superação do atraso via a solução política apresentada pelo campo da esquerda. Considerou-se, nas análises, o notável protagonismo que personagens pobres ganharam na literatura da época, bem como as soluções encontradas pelos narradores na tentativa de superar a distância que se postava entre os intelectuais e as classes mais baixas da sociedade (BUENO, 2006). As trajetórias dos protagonistas Naziazeno e Maneco Manivela, suas aproximações e distanciamentos e o enquadramento narrativo que lhes é conferido constituem o eixo de interesse que dá estrutura a este estudo.

2 OS RATOS: FAVOR E FORMA LITERÁRIA

Este capítulo tem o intuito de apresentar uma leitura do romance *Os Ratos*. Em um primeiro momento, coteja-se o livro, brevemente, com outras obras do período: a saber *O Amanuense Belmiro e Angústia*, que, a sua maneira, também tematizam a trajetória de pequenos funcionários públicos residentes em metrópoles incipientes. As peculiaridades do romance de Dyonelio, levantadas nesse cotejo, servem de pista de leitura para as análises subsequentes. O restante do estudo centra-se, nesse sentido, na tentativa de compreender melhor o funcionamento dos procedimentos narrativos verificados em *Os Ratos* (em especial, o discurso indireto livre) e no esforço de explicitar a dinâmica de relações em que se insere o protagonista Naziazeno.

2.2 OS RATOS E O ROMANCE DA URBANIZAÇÃO

O termo Romance de 30, frequente em nossa crítica literária, abrange um conjunto heterogêneo de obras. Em sua tese de doutorado, Fernando Gil propõe uma nova categoria para a literatura brasileira a partir da exposição e análise de três romances – *Os Ratos* (1935), de Dyonelio Machado; *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos e *O Amanuense Belmiro* (1937), de Ciro dos Anjos. Publicadas no miolo dos anos 30, essas três obras parecem formar um conjunto à parte ao tematizarem metrópoles provincianas em processo de modernização incipiente, opondo-se ao que seria o típico romance de 30, cujas narrativas estariam "centradas nas transformações do mundo rural" (GIL, 1999, p. 36). Para dar conta desse conjunto de obras, Fernando Gil recicla o termo *Romance da Urbanização*, utilizado por Roberto Schwarz em ensaio sobre *O Amanuense Belmiro*.

Unindo os três *romances da urbanização* ainda teríamos outras características, como a presença do *herói fracassado* e uma percepção histórico-temporal peculiar. Vejamos:

"[...] o *romance da urbanização* nada conta do passado nem tampouco aponta para o futuro. [...] Contrariamente ao tradicional romance de 30, em que uma consciência crítico-desencantada narra a desintegração e o colapso de um determinado universo social, apontando implicitamente para as transformações que derivam dessa ordem social em ruínas, no *romance da urbanização* não estão mais em jogo o sentimento e a visão de

mundo guiada e normatizada por uma escala de valores a partir da qual o personagem baliza a sua trajetória e experiência, conformando-se com ela ou entrando em choque." (GIL, 1999, p.36)

Os Ratos, entretanto, parece guardar algumas especificidades interessantes em relação às demais obras que compõem a análise de Gil. Primeiramente, é o único dos três romances narrado em 3ª pessoa, além de possuir um narrador que, por sua vez, também apresenta-se como peculiar na narrativa brasileira da época. Em segundo lugar, as condições intelectuais e socioeconômicas de Naziazeno diferem significativamente daquelas dos protagonistas dos outros dois romances. Partindo do quadro composto por Gil, esboçaremos nas próximas páginas uma análise de *Os Ratos* que propõe-se a considerar essas especificidades.

2.2 A POSIÇÃO DO NARRADOR

No início do primeiro capítulo de *Os Ratos*, o narrador nos apresenta a Naziazeno e já começa a desenvolver o episódio inicial (o ultimato do leiteiro, espécie de mote do romance) buscando um ponto de vista muito aproximado ao do protagonista. Esse movimento do narrador – tentativa de narrar os acontecimentos a partir do ponto de vista do personagem – permanecerá ao longo do romance, tendo seu ápice, talvez, ao final, quando a alucinação que Naziazeno tem em estado de vigília (os ratos roendo seu dinheiro) nos é contada em forma muito próxima ao fluxo de consciência.

A narrativa em terceira pessoa, que poderia acenar com expectativas de onisciência, ao contrário, não engendra um contexto narrativo objetivo, mantido pela autonomia da voz do narrador. Conquanto mantenha parte de sua integridade, sua tendência é sofrer um processo de deslocamento para o campo de visão do personagem. (GIL, 1999, p.92)

A síntese é boa e compatível com o que vinha sendo apresentado até aqui. Sigamos na pista para tentar entender melhor esse movimento apresentado pelo narrador. Em *O pobre diabo no romance brasileiro*, José Paulo Paes vê necessária certa assimetria de posições para a caracterização de um personagem como *pobre diabo*, classificação que atribui a Naziazeno, entre outros:

“Pobre” se diz de quem se acha falta ou privado do necessário; de quem foi mal dotado ou poucofavorecido; por extensão, de quem seja infeliz, desprotegido, digno por isso de lástima e compaixão. Compadecer-se é, etimologicamente, padecer junto, mas — atenção — em posição de superioridade. Magnanimamente abdicamos, por um momento, do nosso conforto de não sofredores para, sem risco pessoal, partilhar o sofrimento de alguém menos afortunado e por conseguinte inferior a nós. De alguém a quem possamos entre depreciativa e compassivamente chamar de “pobre diabo”. (PAES, 198, p.38)

E comentando *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, considera inadequado o caráter confessional da primeira pessoa para tratar dessa figura:

[...] não me parece seja o signo mais adequado à representação literária do pobre diabo. Como tivemos oportunidade de ver mais atrás, o tipo de compaixão involucrado nessa frase feita conota necessariamente uma posição de superioridade do compadecedor em relação ao compadecido. Sem essa superioridade, em que transluz uma ponta de desdém, não se justificaria o uso da expressão. Na ficção de índole confessional, o escritor, ao abrir-nos a intimidade de sua alma, nos convida antes à cumplicidade ou à empatia, que é uma relação de igual para igual. (PAES, 1988, p.42)

Compaixão e desdém comporiam, portanto, a visão distanciada que enquadra o personagem *pobre diabo* na narrativa em terceira pessoa. É preciso dizer que em *Os Ratos* essa perspectiva aparece tensionada. O já mencionado movimento de aproximação empreendido pelo narrador isenta-o de um julgamento assertivo sobre o protagonista, abrindo possibilidades de interpretação ao leitor. Há, pois, um duplo aspecto nesse movimento narrativo. Se, por um lado, a aproximação ao ponto de vista do protagonista não deixa espaço para o narrador, distanciadamente, fazer seus julgamentos e/ou condenações a respeito de Naziazeno – o que forneceria a chave de leitura da situação – por outro, ela não é tão grande a ponto de conferir tom confessional à narrativa, o que, por sua vez, convidaria o leitor à cumplicidade. A relativa integridade da terceira pessoa garante, portanto, um mínimo de distanciamento. As características da 1ª e da 3ª pessoa, tal como postuladas por José Paulo Paes, aparecem, portanto, em *Os Ratos*, alteradas.

Dito isso, o compadecimento e/ou o desdém parecem ainda permanecer como signos fortes na composição das possibilidades de leitura construídas pela obra.

Fundamental notar que o qualificativo [pobre diabo] em nenhum momento é aplicado ao próprio Naziazeno: sua qualificação como tal será um juízo a que o processo cumulativo do texto irá levar a mente do leitor. (PAES, 1988, p.48)

Ora, se o narrador em sua posição colada ao personagem furta-se de emitir juízos sobre os acontecimentos, que elementos constroem esse *processo cumulativo do texto* que habilita o leitor a considerar Naziazeno um *pobre diabo*? É claro que, em parte, a própria natureza da situação em que o protagonista está inserido (dívida com o leiteiro, outras dívidas que são mencionadas ao longo do romance, etc) compõem essa noção. Há, entretanto, para além disso, características formais que são, salvo engano, centrais para essa caracterização do personagem. Examinemos com atenção os procedimentos narrativos adotados na realização da aproximação de pontos de vista do narrador e de Naziazeno.

2.3 O DISCURSO INDIRETO LIVRE EM *OS RATOS*

O principal recurso narrativo apontado para a aproximação de pontos de vista entre narrador e personagem verificada em *Os Ratos* é o discurso indireto livre. Sobre tal técnica narrativa, diz-nos James Wood:

Graças ao estilo indireto livre, vemos coisas através dos olhos e da linguagem do personagem, mas também através dos olhos e da linguagem do autor. Habitamos, simultaneamente, a onisciência e a parcialidade. Abre-se uma lacuna entre autor e personagem, e a ponte entre eles – que é o próprio indireto livre – fecha essa lacuna, ao mesmo tempo que chama atenção para a distância. (WOOD, 2008, p.23)

A formulação de Wood ecoa o que já havíamos estabelecido anteriormente sobre o movimento narrativo em *Os Ratos*. Vejamos agora como se apresenta o uso da técnica no romance. No início do capítulo três, Naziazeno se prepara para descer do bonde:

O bonde ainda não parou, e ele já está maltratando a porta de saída com pequenos pontapés impacientes. Atravessa a praça; não olha para os lados. Uma "decisão" anterior, maldefinida e malaceita, o conduz todavia para o mercado, para o café da esquina. Pouca gente, caras "novas". É que é cedo. Não contava com isso. (MACHADO, 2004, p.23)

Nesse trecho, podemos observar como o narrador nos descreve algumas situações a partir de um olhar que é de Naziazeno mediante o uso do discurso indireto livre. A observação que é feita sobre o café – "pouca gente"- e a explicação dada para o fato – "é que é cedo" – são exemplos disso. Elas podem pertencer tanto ao narrador quanto ao personagem: "O estilo

indireto livre atinge seu máximo quando é quase invisível ou inaudível" (WOOD, 2008, p.22). Mas há, também, o uso das aspas em termos específicos, promovendo um distanciamento do narrador¹. "Uma 'decisão' anterior, maldefinida e malaceita". Ora, se é decisão, como pode ser “malaceita”? A escolha pelas aspas funciona como um aviso do narrador: é decisão para Naziazeno, mas eu não a chamaria assim, visto que é uma ideia vaga, “maldefinida e malaceita”. O procedimento permite ao narrador atentar para uma precariedade intelectual de Naziazeno, que, precisando resolver seus problemas, é conduzido por uma ideia imprecisa, que em sua mente confusa ganha status de decisão.

A distância entre o narrador culto e o personagem pouco letrado é muito grande para ser vencida pelo indireto livre sem deixar marcas evidentes desse abismo. Essas marcas, como consequência, conferem efeito adicional ao recurso narrativo e o tornam relativamente mais instável ao longo do romance.

2.4 OSCILAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS NARRATIVOS

As aspas e as demais marcações gráficas dentro do discurso indireto livre funcionam, em grande parte do romance, para demarcar os momentos de impossibilidade de aproximação do narrador às ideias e posições do personagem, ou, se quisermos, momentos em que o narrador se afasta para compor a caracterização de Naziazeno como um personagem confuso, com visão limitada, etc. No todo do romance, entretanto, a simples marcação de um ou outro termo não é suficiente para indicar esse distanciamento e criar tal caracterização. O abismo entre narrador culto e personagem pobre diabo é tão grande que, por vezes, inviabiliza o indireto livre, que cede espaço para o discurso direto.

Os melhores lugares do bonde estão ocupados. "-Apesar de tão cedo!
É estranho..."Senta-se à extremidade dum dos bancos dos lados, no fundo.
(MACHADO, 2004.p.13)

Marcada com travessão e aspas a frase é inequivocamente de Naziazeno, embora não expresse um diálogo e sim o pensamento do personagem. A surpresa em relação à lotação do

¹ Há momentos, também, em que as marcações gráficas aparecem para demarcar o registro: uso de coloquialismos e termos regionais específicos. Parece-me, portanto, acertado afirmar que de modo geral o uso desses recursos gráficos tem efeito de marcar as dissonâncias entre a visão do narrador e a de Naziazeno (BUENO, 2006, p. 579)

bonde que é, portanto, atribuída somente ao protagonista, parece chamar a atenção para a ignorância do personagem em relação a dinâmica de uma cidade que se moderniza, com seus trabalhadores tomando a condução desde cedo para chegar aos seus empregos. O tom exclamativo também ressalta que Naziazeno não costuma ir trabalhar naquele horário.

O uso do discurso direto tal como vimos nesse trecho – expressando pensamento e não diálogo – também será frequente no restante do romance, especialmente nos momentos em que Naziazeno lembra-se de situações ocorridas ao longo do dia, frases proferidas, etc.

Em conclusão, o delicado movimento aproximativo promovido pelo narrador nos dá a ver quase todos os acontecimentos a partir do ponto de vista do personagem, contudo, os procedimentos narrativos mobilizados ao mesmo tempo que promovem essa aproximação, não deixam de revelar os abismos entre o narrador e Naziazeno. A oscilação do discurso indireto livre ao longo do romance e as marcas gráficas que atrapalham sua fluência têm como efeito a construção de uma caracterização específica para o protagonista: um pobre diabo, ignorante e pouco letrado.

2.5 TRABALHO *VERSUS* “CAVAÇÃO”

Naziazeno trabalha em uma pequena repartição, possivelmente como escriturário. Seu ofício não parece ser de grande importância. Sua competência ao desempenhá-lo também não é destacada. Ocorre, aliás, o contrário. Ficamos sabendo que Naziazeno está atrasado em suas funções e em nenhum momento tal atraso parece preocupá-lo muito seriamente.

O trabalho de Naziazeno é monótono: consiste em copiar num grande livro cheio de "grades" certos papéis, em forma de faturas. É preciso antes submetê-los a uma conferência, ver se as operações de cálculo estão certas. São "notas" de consumo de materiais, há sempre multiplicações e adições a fazer. O serviço, porém, não exige pressa, não necessita "estar em dia". – Naziazeno "leva um atraso" de uns bons dez meses. (MACHADO, 2004, p.32)

Além disso, Naziazeno em momento algum do romance vai à repartição para trabalhar. Após pedir dinheiro ao chefe e ter sua solicitação negada, ele não retorna ao emprego, consumindo seu dia em outras tentativas de arrumar os cinquenta e três mil-réis emprestados. Essa flexibilidade indica alguma estabilidade do protagonista em seu cargo.

Obtendo seu posto provavelmente por indicação e favor (assim como o protagonista de *Angústia*), a influência de quem banca Naziazeno na repartição parece forte o suficiente para mantê-lo lá, ainda que ele não seja um funcionário exemplar.

O salário parece quase uma renda, independente do trabalho efetuado na firma, e, pelo contrário, dependente das relações com o diretor da repartição" (VANGELISTA, 2000, p. 155)

Também como ocorre com Luís da Silva, o cargo não é o único benefício que Naziazeno obtém a partir de suas relações sociais. O dinheiro que paga sua dívida vem da "solidariedade" de seus amigos Duque e Alcides e da negociação que estes estabelecem com Mondina. A diferença é que, no romance de Graciliano Ramos, o protagonista – que é também o narrador – complementa sua renda escrevendo colunas para "conhecidos" seus em um jornal, bajulando políticos locais, etc. Já Naziazeno, cujo ordenado também é insuficiente para pagar suas despesas, não tem a possibilidade da escrita como alívio para sua penúria, devido a sua condição de pouco letramento. A dinâmica das relações de favor e solidariedade em *Os Ratos* difere, portanto, das de *Angústia*.

2.6 RATOS CORDIAIS: FAVOR DO DIRETOR E FAVOR ENTRE POBRES

Ao longo de todo o romance, na sua tentativa de obter os cinquenta e três mil-réis para saldar a dívida com o leiteiro, Naziazeno não procura solução para além do apelo às suas relações sociais. "A sua ideia era sempre uma pessoa: o diretor, o Duque..." (MACHADO, 2004, p.44) Com efeito, é Duque quem conseguirá o dinheiro ao final do dia, após as inúmeras tentativas do protagonista. Seguindo os passos de Naziazeno em suas idas e vindas pela cidade em busca do empréstimo do dinheiro é possível remontar uma complexa rede de relações pautadas pela agiotagem e pelo favor. Depois da tentativa frustrada de conseguir o dinheiro junto ao diretor, Naziazeno apela para Alcides, que o manda cobrar uma dívida de Andrade, sem sucesso. De Andrade para Mr. Rees, que está viajando. Para almoçar, Naziazeno pede emprestado dez mil-réis a Costa Miranda, que lhe dá cinco e pede que Naziazeno lembre Alcides que este tem uma dívida com um agiota, da qual Costa Miranda é avalista. O protagonista, por sua vez, também recorre, sozinho, a um agiota, novamente sem conseguir o dinheiro: já lhe devia certa quantia. Por fim, já com Duque à frente da situação,

mais dois agiotas são visitados e respondem negativamente. Somente depois de todas essas tentativas é que Naziazeno obterá o dinheiro, mediante negociação envolvendo Alcides, Duque e Mondina. Entre diretor, amigos e agiotas, são ao menos dez nomes com os quais Naziazeno já contou ou tenta contar em seus momentos de desespero.

Para analisar essa rede de relações em *Os Ratos*, Roberto Vecchi retomará a cordialidade postulada por Sérgio Buarque de Hollanda em *Raízes do Brasil*:

Se analisarmos as relações sociais que plasmam a figura de Naziazeno, percebemos que elas não se compreenderiam fora do pacto entre homens cordiais. [...] Uma relação significativa, nesse sentido, é que o une ao Duque, figura superior, o “corretor da miséria”. (VECCHI, 2001, p. 101)

E logo na sequência:

O Duque atua em relação ao Naziazeno com paternalismo responsável: não põe em dúvida a necessidade do afilhado e arrisca até a perspectiva de bons negócios com o doutor Mondina na complicada transação de dinheiro vinculada ao duplo penhor do anel de bacharel de Alcides. Em virtude da relação ou da reafirmação de um prestígio social. (VECCHI, 2001, p. 102)

Algo da proposição de Vecchi parece acertado. Há de fato personalismo marcando as relações das personagens, assim como há sobreposição entre privado e público. Contudo, a assimetria entre Duque e Naziazeno, que sua análise pressupõe, parece não acontecer de maneira tão evidente no romance. Ou, se há, é de outra ordem. Há assimetria, sim, na relação entre o diretor e Naziazeno. O diretor, que já emprestou dinheiro para o protagonista em outra ocasião, também o mantém empregado em seu cargo. Já a dinâmica que envolve Duque e Naziazeno é distante daquela que conta com o favor de um proprietário bem estabelecido em troca de prestígio social. Duque é uma espécie de malandro – no sentido em que suas ações beiram a ilegalidade – do qual até mesmo Naziazeno, em alguns momentos, parece querer se distanciar.

Naziazeno tem medo que lhe *leiam* na cara cara essa *compreensão* de tudo, essa inteligência das coisas, miserável e aviltante, que tem, por exemplo, o Duque" (MACHADO, 2004, p.16)

O Duque... Sim: o Duque, por exemplo, um batalhador. Tem a experiência... da miséria. Não recomenda a sua companhia (e o próprio Duque o sabe). (MACHADO, 2004, p. 24)

Há, portanto, dois tipos de favor pautando as relações entre os personagens do romance. O que ocorre entre alguém da elite e um pobre diabo, por um lado, e aquele que

envolve os pobres, que contam com a solidariedade para "cavar" algum dinheiro, por outro. Aquele primeiro tipo, o assimétrico, já foi devidamente explicitado por Roberto Schwarz, que expõe sua perversidade

Como o essencial do serviço era feito por escravos, o mercado de trabalho era incipiente, obrigando os homens pobres a buscar a proteção de um proprietário para tocar a vida. O proprietário, por seu lado, ficava à vontade para favorecê-los, como um senhor personalista, à antiga, a que é devida gratidão, ou para desconhecê-los, como um cidadão moderno, que não está nem aí, ou melhor, que não deve nada a ninguém. Essa assimetria vertiginosa entre as classes, em que, dependendo do capricho dos ricos, os pobres podiam ser favorecidos ou resvalar para o nada, de fato tornava a relação de favor iníqua. (SCHWARZ, 2012, p. 176)

O Brasil que aparece em *Os Ratos* já não é mais escravista, mas sua sociedade preserva alguns traços desse passado. O romance apresenta uma modernidade que chega, mas não de maneira uniforme. Parecem sobreviver, nas relações, alguns dos valores forjados no Brasil escravista. Não é difícil identificar traços da lógica do favor – tal qual foi exposta por Schwarz – na relação entre Naziazeno e o diretor e na arbitrariedade dessa figura que, ora livra o protagonista do aperto, ora não tem nada a ver com isso.

Retomemos a cordialidade de Sérgio Buarque, dessa vez sob a ótica de Francisco de Oliveira, para tentar enquadrar o favor como variante desse signo

A origem do jeitinho, assim como a da cordialidade teorizada por Sérgio Buarque, se explica pela incompletude das relações mercantis capitalistas. Parece sempre que as pessoas estão "sobrando". Elas são como que resquícios das relações não mercantis, não cabem no universo da civilidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 34)

Na Porto Alegre de *Os Ratos*, a modernização é incipiente, o dinheiro, para os de baixo, é escasso, e as relações de trabalho são precarizadas, levando os desvalidos a procurar outras saídas para seus apertos financeiros. O pedido ao diretor, primeiro plano de Naziazeno, falha. Nosso herói fracassado, então, parte para tentar conseguir o dinheiro a partir de outra relação de favor. Dessa vez, entre seus pares.

A dinâmica de favor entre os pobres é uma variante da lógica do favor tal qual foi exposta acima. Diante de um campo estreito de possibilidades de trabalho, bem como da arbitrariedade das relações de apadrinhamento com os proprietários, os desvalidos encontram uma terceira via para garantir a sobrevivência, o que nos leva de volta a Roberto Schwarz:

A troca de favores em si não tem nada de perverso. É uma relação de prestação e contraprestação em que não entra o dinheiro. Quando é decente, é das coisas boas da vida. Ela é perversa quando é muito desigual, como entre um proprietário e um desvalido, ou quando é uma cumplicidade antissocial entre ricos, para burlar a lei e levar vantagem. Quando serve à contravenção dos pobres também não é bonita, mas não é o mesmo, pois ajuda os de baixo a contornar a necessidade e a desigualdade. (SCHWARZ, 2012, p.176)

É uma variante do tal jeitinho, mencionado por Francisco de Oliveira. No romance, esse tipo de relação parece compor boa parte do círculo social de Naziazeno. Em alguma medida, o leiteiro que concede algum crédito para Naziazeno está nessa lógica, assim como o sapateiro e também Costa Miranda. Além deles, é claro, estão também Duque e Alcides, que salvam Naziazeno do aperto na metade final do romance. Pode-se perceber esse tipo de relação, dentro do enredo, também sem a mediação da figura de Naziazeno: é o que se dá entre Costa Miranda e Alcides, Duque e Mondina, Alcides e Andrade, etc. Acontece que a dinâmica do favor, quando entre pares, é muito mais instável. A escassez do dinheiro nas classes mais baixas faz com que o calote sempre esteja no horizonte. É o que ocorre no episódio em que Naziazeno vai tentar cobrar de Andrade uma dívida em nome de Alcides. A possibilidade do não pagamento aparece também em outros momentos do romance: na negação dos agiotas, na desconfiança de Mondina e, de forma mais evidente, no ultimato do leiteiro. Diante desse quadro, fica compreensível a preocupação de Naziazeno com a própria imagem, seu medo dos olhares dos vizinhos, etc. Para continuar tendo crédito, é preciso evitar a fama de mau pagador.

2.7 CIRCULARIDADE E IMOBILIDADE

A dinâmica de favor não sugere uma superação de si mesma. Embora forneça algum alívio momentâneo, a negociação que garante o dinheiro para pagar o leiteiro ocorre mediante contração de nova dívida por Naziazeno. Em certo sentido, mudaram apenas o prazo e o credor. A lógica do favor instaura uma espécie de círculo vicioso. Ao longo da Narrativa, não é apontada nenhuma solução definitiva que possibilite ao protagonista sair da sua situação de precariedade.

No mundo em que se desenvolve o drama de Naziazeno, o dinheiro faz parte de um circuito marginal com respeito às atividades financeiras e de produção. O dinheiro lá é só papel; sua rápida passagem por várias mãos não muda nada, nem produz outro dinheiro. O que o papel adquire é um pouco de graxa, para os ratos saborearem. (VANGELISTA, 2000, p. 164)

Sendo assim, o pesadelo de Naziazeno ao final do romance é relacionado à uma percepção, ainda que inconsciente, da estreiteza das suas possibilidades. O aspecto circular da dinâmica do favor, especialmente entre pares, caracterizada pela passagem rápida do dinheiro de mão em mão, denota essa impossibilidade de superação da condição precária dos envolvidos. Certo caráter circular aparece também em outros aspectos do romance: o vai e vem de Naziazeno pelo centro de Porto Alegre em busca dos cinquenta e três mil-réis, bem como o próprio circuito arrabalde-centro-arrabalde que compõe o percurso do protagonista, o dia da vida de Naziazeno, no qual se passa todo o romance, algo da oscilação do narrador entre objetividade e subjetividade, estudada nos primeiros movimentos deste trabalho. Todos esses fatores apontam para uma imobilidade, uma dinâmica de problemas que não encontra superação em si mesma. A roleta, metáfora de todo esse caráter circular, contém em si a síntese das impossibilidades de saneamento dos problemas de Naziazeno. No capítulo treze, o protagonista tenta contar com o acaso e a sorte para obter o valor que pagaria o leiteiro. Na roleta, Naziazeno consegue algum dinheiro, que logo vem a perder, na continuidade do movimento da roda.

Sobre uma imobilidade semelhante em *Angústia* e em *O Amanuense Belmiro*, Gledson comenta:

Esses pontos de vista refletem, com variados graus de cinismo, uma visão muito difundida entre os intelectuais de que, embora algo tivesse acontecido em 1930, estava longe de ser aparente o que realmente acontecera, quão importante foi ou até que ponto esses eventos políticos expressavam realidades sociais. A ‘revolução’ simplesmente destaca o imobilismo da sociedade: de maneira análoga, os eventos acessórios ao estabelecimento da república e suas repercussões no começo da década de 1890 fizeram com que Lima Barreto e Machado de Assis contemplassem uma incapacidade insuperável de mudança. (GLEDSON, 2003, p. 225)

A noção de impasse impressa no caráter circular do romance relaciona-se, portanto, com uma perspectiva que apontava incertezas quanto ao projeto varguista. Por outro lado, ela parece também expor os problemas relativos à persistência de dinâmicas arcaicas no Brasil em vias de modernização.

Naziazeno e seus pares sobrevivem precariamente a partir da passagem de mão do dinheiro escasso que lhes cabe na dinâmica de uma modernidade periférica e incipiente. Seus arranjos e mecanismos de favor são frutos da sobrevivência de relações forjadas no Brasil escravista. Na economia do romance, essas relações aliviam momentaneamente os problemas de um pobre diabo, sem, contudo apresentar nenhuma saída, nenhuma possibilidade de superação da sua condição aviltante.

3 DESOLAÇÃO: POBREZA, CONSCIÊNCIA PRECÁRIA E PERSEGUIÇÃO POLÍTICA

Este capítulo tem como propósito a análise do romance *Desolação*, realizada a partir das categorias interpretativas que já vinham sendo mobilizadas na leitura de *Os Ratos*. Inicialmente, é apresentado o conjunto de obras no qual o romance está inserido. Da mesma forma, são expostas informações que contextualizam a viagem narrada em *Desolação*. Embora estejam também em pauta, no capítulo, outras obras de Dyonelio Machado – aquelas que também tratam, de alguma forma, da trajetória de Maneco Manivela – a opção aqui foi de focalizar a leitura no romance de 1944. A aposta que embasa essa opção é de uma leitura centrada, por um lado, na trajetória do protagonista pobre, levando em conta a maneira com que ele ganha seu sustento, suas perspectivas de futuro, seu grau de politização, etc; por outro, nos procedimentos narrativos mobilizados na construção do romance, em especial o discurso indireto livre e sua relação com o protagonista. Assim justifica-se, portanto, a escolha por não analisar detalhadamente a obra que se interpõe entre *Os Ratos* e *Desolação: O Louco do Cati*, de 1942. A opacidade do protagonista deste romance obsta tanto a possibilidade de levantarmos informações detalhadas a seu respeito, quanto barra, dentro da narrativa, o próprio discurso indireto livre, presente dentro do romance na relação entre narrador e demais personagens, porém, escasso entre o narrador e o Louco.

3.1 A TETRALOGIA DA PERSEGUIÇÃO E OPRESSÃO

As publicações de Dyonelio Machado durante a década de 40, conforme já foi mencionado neste trabalho, voltam-se para os acontecimentos da década anterior, ganhando força em sua ficção a temática da repressão de estado promovida pela ditadura Vargas.

Em 1942, é publicado *O Louco do Cati*, editado pela Globo, de Porto Alegre. A narrativa, de produção conturbada (acamado e impedido de escrever, Dyonelio teria ditado o romance para sua esposa e para sua filha), tem como protagonista a figura insólita de um louco. Esse sujeito acaba acompanhando Norberto, Maneco Manivela e mais dois amigos em um passeio até o litoral: uma “viagem de prazer”. Chegando em Quintão, Norberto e o Louco decidem seguir viagem até Santa Catarina, enquanto os demais viajantes iniciam seu retorno, saindo do litoral gaúcho em direção à capital, Porto Alegre. Na fronteira, a dupla que seguia em direção ao norte é presa e conduzida até o Rio de Janeiro. Após cerca de um ano na prisão, ambos – Norberto e o Louco – são libertados. A metade final do romance acompanha o retorno do Louco ao Rio Grande do Sul.

Desolação, por sua vez, é publicado em 1944, pela editora José Olympio. A narrativa acompanha a tentativa de retorno do grupo que permaneceu em Quintão. Essa viagem de volta é marcada por uma série de contratempos causados por estragos no veículo que os transportava – o Borboleta. Em posse de material subversivo, presente de Dr. Matos, advogado que os amigos conhecem durante a viagem, Manivela acha-se perseguido. Seu delírio persecutório culmina no incêndio deliberado do veículo Borboleta.

Ainda na década de 40, é publicado *Passos Perdidos* (1946), dessa vez, pela Martins Editora. O romance acompanha Manivela após sua saída da prisão, no Rio de Janeiro, depois de passar dois anos como preso político. Após conseguir uma passagem até São Paulo, o mecânico busca, na capital paulista, meios de retornar a Porto Alegre.

Por fim, *Nuanças*, encerra a trajetória do mecânico Manivela. Escrito também no decênio de 40, o romance só viria a ser publicado posteriormente, em 1981, pela editora Moderna². Na narrativa, Maneco Manivela – agora Martiminiano da Rocha – já de volta a Porto Alegre, tenta conciliar suas atividades políticas com seu projeto de noivado. Por um ardid do padrasto de sua noiva, acaba na ilegalidade. Carmosina, sua pretendente à esposa, após um período de prostituição, recupera o amor de Martiminiano e o ajuda a sair da ilegalidade, mediante intervenção de seu pai.

Sobre esse conjunto de obras, diz Grawunder:

² Para informações sobre a conturbada trajetória editorial da obra de Dyonelio Machado, ver GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição Literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

Apesar de se manterem como textos independentes, a temática da obsessão persecutória, no trânsito de prisões à libertação, e a presença reiterada de personagens como Manivela, cuja odisséia tem desdobramento ordenado, através dos quatro livros, me permitiram ver *O Louco do Cati*, *Desolação*, *Passos Perdidos e Nuanças*, como tetralogia da Perseguição e Opressão, um dos marcadores semânticos da obra dyoneliana [...] (GRAWUNDER, 1995, p. 24)

O termo *tetralogia da Perseguição e Opressão* será tomado de empréstimo para referir o conjunto dessas quatro obras. As análises que se seguem, apesar de focarem-se em *Desolação*, tentam levar em consideração a possibilidade de leitura da trajetória de Manivela dentro desse conjunto.

3.2 A VIAGEM DE IDA

No dia 13 de dezembro de 1935, em uma sexta-feira, Maneco Manivela, Luís, Leo, Norberto e “o Louco” partem de Porto Alegre em “uma viagem de prazer” com destino ao litoral gaúcho. Essa viagem é narrada nos capítulos iniciais de *O Louco do Cati* (ver anexos I e II). A data remete, para além da noção de mau-agouro da superstição popular, a um período conturbado no cenário nacional. O fracassado levante comunista de novembro daquele ano serviu como oportuno pretexto para o aumento do cerco e perseguição aos inimigos políticos do governo Vargas. A repressão que se seguiu à chamada Intentona Comunista vitimou, como foi visto, inclusive, o próprio Dyonelio Machado, que mesmo sem ter ligação direta com o levante, por duas vezes se viu detido, uma antes e outra após a tentativa de insurreição.

O Louco do Cati, acompanha a trajetória de um sujeito sem nome em um percurso inusitado que inicia com uma viagem ao litoral gaúcho e acaba por atravessar metade do Brasil em trânsito de prisão à liberdade e retorno ao Rio Grande do Sul.

Vendo a coisa do alto, pode-se resumir o procedimento narrativo da seguinte maneira: uma voz narrativa em terceira pessoa onisciente relata, já a partir da primeira linha, a movimentação de um personagem estranho, sem nome (nunca se fica sabendo seu nome cristão ou civil), que anda de chapéu e parece não reagir a nada do que acontece, submetendo-se ao destino imediato que cruza seu caminho. Esse sujeito nunca fala, a não ser em situações de pânico, de medo (acontecem algumas em seu caminho), quando então grita algo relacionado com “o Cati” – o sujeito foge espavorido quando reconhece no presente alguma coisa que lhe recorde “o Cati”. Por

isso mesmo, fica sendo chamado assim, o Cati, ou o Louco do Cati, o Maluco do Cati (num momento quase idílico de sua longa peripécia, será chamado de Seu Cati). (FISCHER, 2013, p. 123)

O Romance também introduz o personagem central de *Desolação*, Maneco Manivela, que faz parte do grupo que viaja juntamente com o Louco até a praia do Quintão. Na narrativa, descobre-se pouco a pouco (e de maneira difusa) que o personagem Norberto³ – líder do grupo nos momentos iniciais da viagem – tinha algum envolvimento com agitadores políticos, de modo que empreendera a viagem em uma tentativa de escapar da polícia. O próprio trajeto da viagem que leva o grupo ao Quintão é decidido de modo a evitar barreiras policiais, embora Norberto dissimule o fato, alegando que o percurso optado por ele – passando por Palmares – seria melhor para o veículo Borboleta, que poderia não aguentar a estrada que o grupo pretendia, originalmente, seguir. Também o inusitado acolhimento do Louco por Norberto, que insistiu em levar o desconhecido junto na viagem, parece poder ser explicado como parte conjunto de precauções tomadas na sua tentativa de fuga. É o professor Castel, contato de Norberto no Rio de Janeiro, quem dá a explicação, referindo-se a hipóteses da própria polícia:

- Acham de duas uma: ou trata-se dum rapto... (Norberto não compreendia; tinha um olhar redondo.) Ou um rapto, tendo o senhor se apropriado desse maluco, o Louco do Cati – não é assim que o chamam?... – tendo-o coagido a acompanhá-lo... (O professor não reproduzia bem as palavras da polícia.– Um rapto, em resumo! – concluiu, numa voz visivelmente irritada.
- E a outra hipótese?
- Ah! Sim. Ou então, que o senhor apossou-se dele com o fim de despistar a polícia, arranjando uma companhia “natural”, insuspeita, a companhia de um pobre louco. (MACHADO, 2003, p. 123)

Todos esses cuidados, no entanto, se mostraram inúteis. Após a despedida de Maneco, Leo e Luís – que, no domingo, iniciaram sua viagem de retorno a Porto Alegre – Norberto e o Louco ficam ainda algum tempo no hotel, em Quintão. Depois, partem rumo ao litoral norte do estado, percorrendo parte do percurso a pé, parte em conduções coletivas. Ao chegarem em Araranguá, são detidos pela polícia e, logo na sequência, transferidos. Primeiramente, para Florianópolis. Depois, para o Rio de Janeiro. Os dois personagens passam cerca de um ano presos na então capital da república. Norberto consegue, eventualmente, obter sua liberdade mediante misteriosa articulação (o personagem chama de “cavação”, gíria recorrente nos

³ Em dado momento da narrativa, somos informados de que Norberto pode ser um nome falso, usado para tentar despistar a polícia. Seu nome verdadeiro seria José Cândido Morais. O narrador, entretanto, não dá certeza do fato.

romances aqui estudados). Apelando para seus contatos (políticos?) no Rio de Janeiro, especialmente o professor Castel, a soltura de Cati é, também, logo na sequência, providenciada. Norberto, que pretende permanecer na capital da república, trata de arranjar alguma maneira de embarcar o Louco em uma viagem de retorno. Enquanto isso, os dois permanecem no Rio de Janeiro, vivendo de pequenos expedientes (FISCHER, 2013, p. 124).

Após alguns episódios secundários relacionados às conexões de Norberto no Rio, o Louco é finalmente despachado aos encargos de um casal que o acompanha até São Paulo. Depois de alguns dias em território paulista, o silencioso protagonista parte em sua viagem de retorno até o sul do país, desembarcando de navio em Florianópolis. Dalí, pegará uma condução até cidade catarinense de Lages. Depois de curta estadia na casa do caminhoneiro que o transportara até ali, novo despacho, e o protagonista segue assim seu percurso até a fronteira sul do território gaúcho, percorrendo o último trecho dessa trajetória em uma inusitada e surpreendente viagem de avião. Ao descer da aeronave, que efetuara um pouso de emergência em uma fazenda, devido ao mau tempo, o Louco envereda a correr, em uma libertadora explosão – misto de homem, cão e lobisomem – em direção às ruínas do quartel do Cati, que seu focinho parece farejar.

Sobre esse tumultuado percurso – e rebatendo outras leituras interpretativas do romance – comenta Luís Augusto Fischer:

o que está em jogo ali é a trajetória histórica de um homem real, um sujeito esvaziado em sua humanidade, mas ainda ativo, pateticamente ativo e em busca de sua liberdade, a espiritual acima de tudo. O romance pode ser lido como alegoria ao Estado Novo, ou a um Estado Arbitrário qualquer; ele pode ser visto como uma retomada alucinatória da medonha experiência da degola como prática bélica e policial rotineira no Rio Grande do Sul, da mesma forma; mas desfocar as dimensões críticas radicais postas em circulação por Dyonelio, como é o caso do desespero humano em busca da liberdade e da estonteante estupidez gerada pelo fetichismo do dinheiro, isso é demais. Ou melhor: é tão de menos que faz pensar que um dos motivos de *O Louco do Cati* e a obra do autor em geral terem tido pouca compreensão é justamente a recepção frágil ou obtusa [...] (FISCHER, 2013, p. 127)

O enquadramento narrativo ao qual está subordinado o Louco parece dar forma à precariedade de sua consciência e visão de mundo. Mesmo o discurso indireto livre, procedimento recorrente no romance, não é capaz de dar voz ao transtornado protagonista dessa turbulenta viagem.

3.3 A VIAGEM DE REGRESSO

Desolação narra a viagem de retorno dos três amigos, Maneco, Léo e Luís, já sem a companhia de Norberto e do Louco, que, como vimos, separaram-se do grupo em Quintão e seguiram viagem até serem detidos na fronteira de Santa Catarina. Os que ficaram no litoral gaúcho decidem, então, retornar a Porto Alegre. A viagem à praia, que não deveria durar muito mais que um dia, havia arrastado-se por mais tempo do que o imaginado pelo grupo. É apenas no domingo, dia 15 de dezembro, que os amigos finalmente começam sua viagem de retorno, após efetuar a compra de alguns litros de gasolina, que foram carregados em uma grande lata. Os verdadeiros percalços dessa viagem de regresso ainda estavam por começar.

De modo significativo, não é o momento inicial da viagem de volta que abre *Desolação*. Os primeiros nove capítulos, dos trinta e um que compõe o romance, são marcados por uma série de saltos temporais, que acabam por ser também saltos geográficos, levando o leitor a perder-se na narrativa de maneira análoga ao modo com que o grupo de amigos se perde na estrada rumo à capital gaúcha. Em vez do primeiro acontecimento do ponto de vista cronológico, o capítulo inicial traz, como abertura, o peremptório aviso de Dr. Matos a Maneco Manivela, quando esse encontra-se já em Águas Claras. Desse momento em diante, até o nono capítulo, ficamos sabendo, de forma confusa e não linear, o transcorrido no percurso de Quintão até Águas Claras. A respeito desses tortuosos nove capítulos iniciais, diz-nos Ana Paula Pacheco:

A montagem dos capítulos iniciais (que ocupam praticamente ¼ do livro) segue dois princípios conjugados. O primeiro, dar lugar de abertura à sentença determinante de Dr. Matos sobre o colega de oficina de Maneco, Bagé – “Cuidado! Ele é um provocador” -, de tal modo que ela reverbera antecipadamente, como um destino já traçado, que se adianta ao conhecimento que dele terá o próprio sujeito (o que cronologicamente se daria nove capítulos depois, quando Maneco encontra o doutor, em Águas Claras). [...] O segundo princípio que parece orientar tal montagem em quebra-cabeça é justamente a inserção do leitor num espaço em que avanço e retrocesso se confundem: *um labirinto invisível*, a céu aberto, feito de horizontes bloqueados. (PACHECO, 2005. p. 315)

Tomemos de empréstimo, pois, a noção de que a estrutura do quarto inicial do romance assemelha-se a um labirinto. O andamento dos próximos três quartos de *Desolação* parecem obedecer a uma dinâmica diferente. A partir do capítulo nove, o ritmo da narrativa transforma-se e, se há algo de labiríntico nesse segundo momento, é de outra ordem. O

estreitamento dos horizontes de Maneco Manivela adquire outro caráter a partir da chegada em Águas Claras e do encontro com Dr. Matos. Enquanto os impasses nos nove capítulos iniciais eram relacionados à dificuldades com o veículo e à falta de dinheiro, a partir do segundo quarto do romance, soma-se a esses problemas o medo da prisão, que cresce exponencialmente até o final do livro, acompanhando uma narrativa linear e não mais cíclica ou labiríntica. Vale ressaltar que, do primeiro capítulo ao capítulo nove, há ao menos oito saltos cronológicos, *flashbacks* e *flashforwards*. A partir do capítulo dez, não há mais nenhum: a narrativa prossegue de forma relativamente estável até o seu desfecho explosivo (Ver anexos III e IV).

3.4 O DISCURSO INDIRETO LIVRE EM *DESOLAÇÃO*

Já nos primeiros capítulos de *Desolação*, surgem alusões aos acontecimentos de novembro de 1935. No capítulo um, há menções passageiras em conversa com Bagé. Posteriormente na narrativa (anteriormente do ponto de vista cronológico), há alguns outros diálogos sobre o assunto, como o que ocorre com o praieiro que reside próximo a Quintão:

Esse fim de ano vai ser o seu tanto agitado. Quiseram derrubar o governo.

- Aqui?

- Não: muito longe. No norte.

Um “movimento fomentado e dirigido por estrangeiros, ao que se diz. Com ideias estrangeiras, também: cancelamento das dívidas externas, nova divisão agrária...” (MACHADO, 2005, p.38)

Depois em conversa com Seu Ivo, em seu rancho, próximo ao Capivari:

Seu Ivo esteve na capital ultimamente. Soube que tinha havido prisões.

- Um pessoal que está contra o governo.

Só sabe dizer isso. Não conhece detalhes. Lá pelo pouso das carretas, no Caminho do Meio, falava-se que tinha havido uma revolução. Mas ele não acreditava. Fala-se em tanta coisa...

Tinha havido, sim, esclarece Manivela. Logo sufocada.

- Mas não em Porto Alegre!

- Não: no norte e no Rio. (MACHADO, 2005, p. 52)

A posição inicial de Maneco é contrária ao “movimento”, mas, vez ou outra, Manivela parece refletir sobre a validade das propostas dos revolucionários. “Está no conhecimento dos planos de governo do movimento fracassado. Coisas interessantes; algumas, ao parecer de Manivela, formidáveis mesmo.” (MACHADO, 2005, p. 10) Parece haver, portanto, nos capítulos iniciais, um vacilo do protagonista, que não consegue formular uma opinião definitiva sobre o “movimento” e sua insurreição fracassada, por vezes chegando a aderir ao ponto de vista dos revolucionários (sem, entretanto, desejar engajar-se), freqüentemente rejeitando-o completamente e por fim, algumas vezes, completamente indeciso, tentando acomodar ideias contraditórias. Narrativamente, é principalmente através do discurso indireto livre que essa consciência hesitante de Manivela se constrói. O recurso narrativo, de funcionamento bastante diferente em *O Louco do Cati* – muito por conta da opacidade do protagonista –, torna a aparecer com recorrência em *Desolação* na mistura de vozes do narrador com o protagonista, atuando, da mesma forma que em *Os Ratos*, de modo decisivo na construção do romance. Olhemos mais de perto para outro momento de reflexão de Manivela:

Não viu mais o Dr. Matos. Impressionou-lhe aquele quadro simples e vivo que traçou do sitiante do litoral: tinha a terra (terra pequena, lógico); vende-a, porque não pode mais explorá-la e. Como tem que abraçar uma profissão para a qual já se sinte um pouco preparado, compra com o dinheiro uma carreta com bois; finalmente, diante da voracidade dos estômagos e a voragem grande também das doenças, vende a carreta, os animais; não raro se emprega como peão-carreteiro do próprio comprador.

Bem traçado! Talvez tivesse sido essa a trajetória (a viagem redonda) do praieiro do Quintão.

A propósito: a filha dele teria morrido?...

Francamente, não entende nada daquilo. Lamenta o sitiante, obrigado a se desfazer da terra para a empresa progressista (Manivela gosta do “progresso”), acha que houve um lucro: explorou-se uma terra que não estava dando nada, ou quase nada. Agora, havia uma extensa lavoura de cana ali mesmo. A região ao redor progredia também, ao contato com a empresa, com o engenho ou com a fábrica. Por esse lado, via na troca um bem. **Mas era ao mesmo tempo, então, um grande mal e um grande bem?... Não podia ser. Isso é que ele queria que lhe explicassem.** (MACHADO, 2005, p. 101-102. Grifos meus)

O narrador reconstrói a história contada por Dr. Matos no restaurante da pousada, em Águas Claras. O episódio ficou marcado na memória de Manivela e seu ponto de vista parece emergir no discurso do narrador. A admiração e aprovação do relato, sintetizadas na expressão “Bem traçado!” pertencem, evidentemente, ao mecânico, embora apareçam incorporadas na voz do narrador. Assim ocorre também com a tentativa de sintetizar os fatos,

ao final do parágrafo. Maneco Manivela, apesar de compadecer-se da situação da população litorânea, vítima de situações semelhantes àquela contada por Dr. Matos, não consegue deixar de simpatizar com o “progresso” e vê, também, pontos positivos no relato. Confuso, aspira a uma resposta: “Isso é que ele queria que lhe explicassem.” Esse desejo é construído pelo discurso indireto livre: a inquietação e a necessidade de uma explicação são do personagem, os pronomes e os tempos verbais, do narrador⁴.

A partir do que ocorre cronologicamente após o aviso de Dr. Matos, no entanto, o romance ganha outro tom e a narrativa adquire um ritmo diferente, conforme comentado anteriormente. O discurso indireto livre, a partir de tal momento, irá assumir outro efeito, tornando-se também a ferramenta narrativa que configura o agravamento das preocupações de Manivela. A tranquilidade de Manivela é abalada pela denúncia de Dr. Matos a respeito de seu colega de oficina, Bagé. Maneco, que desejava “continuar a viver como até aqui: como o Léo, por exemplo.” (MACHADO, 2005, p. 16), vê-se subitamente envolto em uma trama que não compreende perfeitamente, mas que o enche de preocupação. “O fato é que *não pensava* no movimento, na revolução, – tão longe andava de tudo isso... Daí em diante, porém, como que aquela história queria parafusá-lo e entrar-lhe no corpo à força...” (MACHADO, 2005, p. 6. Grifos do autor.) Nesse quadro, o pensamento de Manivela dirige-se cada vez mais para a situação de uma hipotética perseguição, transformando o discurso indireto livre no espaço narrativo da exacerbação de seu delírio persecutório. A partir do capítulo dez, a realidade nos é dada, cada vez mais, a partir do pensamento do protagonista, criando um peculiar efeito que dá o tom da atmosfera de repressão que se seguiu aos acontecimentos de novembro de 1935.

Seu delírio [de Manivela] persecutório tem fundamentos tão reais diante da irrealidade que o real adquire ao longo dos episódios, enquanto detenções pululam entre conhecidos, que o leitor também não consegue saber se Maneco não está, no fundo, em seu mais pleno juízo. (PACHECO, 2005, p. 315)

Ana Paula Pacheco também tece comentário sobre a atmosfera de repressão que compõe o romance. Para ela, a passagem lenta do tempo também atua na composição do cenário apossado no qual se move o protagonista:

⁴Valho-me aqui de análise semelhante realizada por Franco Moretti em *O Século Sério*. Usando como exemplo um trecho do romance *Emma*, de Jane Austen, Moretti esmiúça o encontro entre discurso direto e discurso indireto, apontando que, no exemplo, “o tom e a ordem da frase” pertenciam ao personagem, enquanto “os tempos verbais e os pronomes” eram do narrador. MORETTI, Franco. “O século sério”. In: *O burguês*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

O tempo também é percebido no livro como categoria crítica, juntamente com a lei de desorientação que rege o espaço: sedimenta a opressão à medida que faz se faz sentir como matéria que não escoo, como distensão infundável. Para a individualidade premida, trata-se muitas vezes, como numa imagem usada por Maneco Manivela, de um *ponto morto*. (PACHECO, 2005, p. 318. Grifos da autora.)

O andamento arrastado do tempo, salvo melhor juízo, está também associado à recorrência do discurso indireto livre, especialmente a partir do segundo quarto do romance – e daí em diante. Essa estagnação relaciona-se a um “mergulho” na interioridade da personagem. Ocorre fato semelhante, por exemplo, em *Os Ratos*, durante a longa vigília de Naziazeno, ao final do romance. Em *Desolação*, esse mergulho cada vez mais duradouro na interioridade de Maneco Manivela ganha corpo a partir do capítulo dez, com atuação mais intensa do discurso indireto livre. Essa concentração intensificada nos pontos de vista e pensamentos de Maneco Manivela são o espaço narrativo do desenrolar e desdobramento do seu delírio persecutório, que culminará no incêndio do veículo Borboleta e da *Cartilha da Insurreição*. É também com o aumento da introspecção de Maneco Manivela que sua capacidade de improviso, seu talento para a “cavação” vai como que “enferrujando-se”.

3.5 “CAVAÇÃO” VERSUS PERSEGUIÇÃO

Os capítulos iniciais de *Desolação* são também marcados por algumas pequenas contravenções cometidas por Maneco e seus amigos em sua tentativa de regressar do litoral. A disposição para a “cavação” (nos termos dos personagens) aparece como talento corriqueiro do mecânico, líder natural do grupo após a ausência de Norberto, que em *O Louco do Cati*, comandava as ações dos viajantes. Essa inclinação para “improvisos”, por vezes, no limiar da ilegalidade, é encarada de forma bastante natural pelo grupo, indicando um *modus operandi* corrente dos jovens aventureiros. Dos litros de gasolina “espichados” do Buick do dono da pensão em Palmares, ao courinho de terneiro “adquirido” junto ao seu Ivo, no Capivari, e posteriormente negociado com Jó em troca de reboque, esses pequenos ilícitos vão arrastando o grupo de amigos até mais perto de seu destino. Vejamos um desses momentos:

Manivela desencavou de um esconderijo um rolo pardacento, vermelhusco, meio grande.
- O que é isso?

- Uma cama.

E foi desenrolando. Era o courinho da terneira, do seu Ivo.

- De quem é?

- Meu!

Os dois chegaram-se. Já o haviam visto lá na casa e bem. Mas desde agora, sentiam um novo interesse por ele.

Entusiasmo. Acordo. Solidariedade.

- Você fez uma boa aquisição.

- Ótima!

(MACHADO, 2005, p. 72)

Os amigos, Leo e Luís, mostram-se interessados pela “aquisição” de Manivela. O termo, se inicialmente põe em dúvida o meio usado para obtenção da peça, posteriormente, revela cinismo de quem está acostumado a situações do tipo e age, portanto, com uma já referida naturalidade. Algumas páginas adiante, quando Manivela negocia com Jó o couro, em troca de reboque, há a confirmação do furto:

O caminhão ia de volta para Viamão. Manivela em nada tocara ao chofer com relação ao complemento do seu plano. Mas tem o plano de pedir-lhe o reboque até a Capela do Viamão. Para isso, o outro se juntara com aquele rico couro de terneira, que tanto trabalho lhe dera para conservar fora do alcance da atenção do dono. (MACHADO, 2005, p. 83)

A situação, no entanto, muda a partir do aviso de Dr. Matos, que desvia o rumo das inquietações de Manivela. O mecânico, que em princípio ainda mantinha em mente algo de suas preocupações cotidianas (serviços da oficina, sexo, etc) e mesmo a necessidade mais imediata de reparar o Borboleta e retornar a Porto Alegre, vê-se, paulatinamente, absorvido pela idéia fixa de que está sendo perseguido e, mais cedo ou mais tarde, será preso. “A polícia estivera ali, naquele dia! Pela manhã? pela tarde? Está sendo farejado, nem resta dúvida.” (MACHADO, 2005, p. 212)

A noção, cada vez mais clara dentro de seu delírio persecutório, de que está sendo acossado, vai, aos poucos, fragilizando Manivela, que já não demonstra mais disposição para buscar uma saída para o impasse em que se encontra.

De dentro da sua ‘vacuidade’, Manivela vê surgir como que uma recriminação. Imagina-se noutros tempos, providenciando, agindo, cavando. Estão quebrados, fazendo despesa, sem recursos. Isso era o quanto bastava, *normalmente*, para atirá-lo à luta. Estranho, pois, esse conformismo, essa desligância... Mas é uma desligância, mesmo: não experimenta o menor estímulo para uma iniciativa, uma cavação. (MACHADO, 2005, p. 231)

O próprio Maneco reconhece que sua habilidade para a “cavação” não está funcionando como normalmente. A estagnação do protagonista causa apreensão mesmo em seus amigos, que contam com ele para encontrar uma saída para sua situação. O estranhamento de Leo e Luís faz com que Manivela sintam-se cada vez mais solitário. Sem ter com quem dividir suas angústias, nosso protagonista vai afundando-se, irremediavelmente, em uma obsessiva revisão de seu passado, tentando encontrar razões para estar sendo perseguido. A inércia de Maneco cresce na proporção de seu delírio persecutório. À medida que Manivela crê fechar-se o cerco da repressão sobre si, sua capacidade de improviso vai ficando prejudicada. Não obstante, Maneco consegue articular uma curiosa negociação com Chico Galinha, na qual ele acaba por vender Borboleta, veículo que não lhe pertence. A obscura transação, aliás, resolve os problemas mais imediatos dos viajantes, deixando-os aptos a voltar para Porto Alegre. Ainda assim, essa não é a opção de Maneco Manivela que, ao encontrar um policial na rodoviária, desiste da viagem, enterrando-se derradeiramente em seu delírio persecutório. Desse ponto em diante, a opção por seu ato final como que está tomada, e assim assistimos a sua caminhada silenciosa e resoluta em direção ao quintal onde se encontra estacionado o veículo Borboleta.

3.6 A PIROMANIA DE MANIVELA

No vigésimo nono capítulo, Manivela e seus amigos concluem a transação do veículo Borboleta: sua venda para João Fagundes, também conhecido como Chico Galinha. O carro pertencia, na verdade, a Antônio Vitorino, cliente da oficina onde trabalham Leo e Maneco, mas tal fato não é constrangimento para o grupo de amigos. Manivela lidera a negociação, acertando valores até fechar acordo com João Fagundes, que se dispõe a pagar a quantia de duzentos mil-réis. O comprador prepara, então, um documento para selar a negociação. De posse do dinheiro, Manivela paga o que ele e os amigos deviam no hotel Saraiva (cinquenta e sete mil-réis) e divide o restante entre ele, Leo e Luís. O grupo pretendia ainda almoçar no restaurante do hotel. Após isso, estariam, em tese, aptos a tomar um ônibus de volta a Porto Alegre. Manivela, contudo, sente o cerco da repressão fechar-se sobre si. Quando os amigos vão até a empresa de ônibus informar-se sobre os horários de viagens à capital, há um policial no local. Maneco passa a ter cada vez mais certeza de que será preso. No hotel, é interpelado por João Fagundes, que solicita que o mecânico retire – o mais cedo possível – seus pertences

do Borboleta. Maneco havia deixado no veículo uma tábua e um macacão. Além disso, permanecia escondido no Borboleta o material subversivo que lhe fora dado por Dr. Matos. Apressado e resoluto, Manivela deixa o hotel e caminha até o quintal da casa de João Fagundes, onde está estacionado o Borboleta. Usando seu macacão rasgado, embebido em um pouco de gasolina retirada do tanque, Maneco incendeia o veículo. A explosão causada por Manivela chama a atenção de todos, que logo correm para o local, curiosos para descobrir o que aconteceu. Quando Leo, Luís, seu Dorval e o investigador chegam ao quintal de João Fagundes, Manivela está com um sorriso no rosto, que logo desaparece. O mecânico, então, lança às chamas do veículo o livro que trazia em mãos, a *Cartilha da Insurreição*. Sobre esse episódio, que encerra o romance, diz Maria Zenilda Grawunder:

“De posse de *literatura perigosa*, [Manivela] acaba escondendo o material no carrinho e, afinal, ateando-lhes fogo, é preso pela destruição do carro que não lhe pertence. Quando se encerra a narrativa, com o cerco e a prisão de Manivela que, por um ato deliberado, incendeia Borboleta, a queima e destruição das asas da mariposa que o conduz, transformada numa grande lamparina, fica ligada à necessidade de ocultação e queima da palavra, que Borboleta guarda, num recurso de rito sacrificial da pureza.” (GRAWUNDER, 1995, p. 23. Grifos da autora.)

Grawunder faz vista grossa para o fato de que Manivela retira o material subversivo do veículo antes de incendiá-lo. É somente depois de lançar fogo ao veículo, quando já há testemunhas no local (inclusive o investigador e um policial)⁵ que Maneco atira às chamas a *Cartilha*. Parece haver, portanto, no gesto do mecânico, algo de performático somado à “necessidade de ocultação e queima da palavra.” Com escolha lexical bastante próxima à de Grawunder, Ana Paula Pacheco também comenta o desfecho do romance:

O gesto final de Maneco Manivela tem, depois de tudo, como já sugerimos, a força de um ato deliberativo. O operário do início do livro, que pouco sabia sobre política, não compreendia a revolta e acreditava ter nascido na posição certa, tornou-se alguém que valoriza a ideia de grupo depois de perceber-se *desolado*. Uma “falha” produzida pelo próprio cerco da vigilância. Não é a mesma personagem do início do livro quem lança ao fogo purificador, aceso na imensa lamparina que constrói com seu macacão banhado em combustível, a *Cartilha da insurreição* (título “um pouco estranho”, como observa o narrador com Maneco). (PACHECO, 2005, p. 319)

⁵ Não por acaso, em *Passos Perdidos*, ficaremos sabendo que o livro foi, de fato, retirado das chamas pelo investigador.

Pacheco parece apostar suas fichas em uma transformação de Maneco, simbolizada por seu ato ao final do romance: o incêndio de Borboleta e da *Cartilha*. Uma vez sentindo-se acuado, Maneco Manivela revolta-se e, por meio de um ato deliberado, resolve por fim ao cerco em que se encontra. A solução encontrada pelo personagem, entretanto, é problemática, e merece leitura mais atenta. A rigor, Maneco estava com sua dívida no hotel paga e com dinheiro suficiente para retornar a Porto Alegre, *podendo ou não ser preso nessa tentativa*. O ato extremo de Manivela, todavia, joga-o ao encontro da prisão – que até então era apenas hipotética. Do ponto de vista da militância, o gesto não parece necessariamente indicar uma adesão a um ideal de coletividade, como pensa Ana Paula. É, antes disso, uma renúncia à possibilidade de livrar-se da prisão (seja mediante fuga ou aposta em sua inocência) e ao mesmo tempo um atestado da incapacidade do protagonista de compreender racionalmente o emaranhado das relações em que ele, quase que por acaso, vê-se envolto. Se, por um lado, no conjunto da tetralogia, o tempo que Manivela passa na prisão será essencial para a formação de alguma consciência política e engajamento – fatos que serão narrados em *Passos Perdidos* e *Nuanças* – ao final de *Desolação*, nada indica que Manivela tenha aderido ao ponto de vista de Dr. Matos ou mesmo superado suas hesitações em relação ao “movimento”.

A piromania de Maneco, embora apareça como uma reação à perseguição e opressão experienciada pela personagem, não constitui, ao menos diretamente, um ato político. Significa, quando muito, um abandono, pela personagem, do seu modo tradicional de resolução de impasses, seu talento para o improviso, para o logro e para a viração: atitudes que continham uma boa dose de pragmatismo. A piromania de Manivela não figura, portanto, como indicação de uma transformação da personagem em direção à tomada de consciência e politização. O efeito da opressão e repressão no protagonista parece corresponder a uma transformação de outra ordem, conforme indicado anteriormente. O cerceamento fragiliza e isola Maneco Manivela, que não consegue mais movimentar-se a partir da sua tradicional disposição para o improviso, restando-lhe, como horizonte, apenas a rendição. “Houvesse ainda guardado um resto do seu poder de iniciativa, estaria era se entregando, pondo um termo àquele suplício.” (MACHADO, 2005, p. 284) A patética e malsucedida tentativa de Manivela, na noite anterior ao seu surto piromaniaco, de chegar até o Borboleta para ler na *Cartilha da insurreição* uma hipotética instrução de como agir nas circunstâncias em que se encontra, demonstra a precariedade e os limites da visão de Maneco:

Mas tem o livro! (Recordou-se agora!) O livro do Dr. Matos! A *cartilha!*...

Deve ser um livro de conselhos, um livro de soluções de problemas. Com toda a certeza, um problema como o seu está tratado nas suas páginas, previsto e resolvido...

Agiu precipitadamente encafuando o *material* entre os molambos do carro. Devia primeiro ter-se inteirado da matéria tratada no livro, pelo menos no livro. A sua situação já se esboçara, então. O livro constituía um companheiro, um conselheiro. – *Contém muitos ensinamentos...* Seu Dorval já o conhecia. Ensino sobre esses casos, – em que o indivíduo se vê acuado e cercado...

Se conseguir se evadir dali, nada empreenderá de definitivo, sem primeiro consultar o livro...

O livro – a *cartilha* – há de ser mesmo uma cartilha: tudo elementar, prático. A sua matéria só poderá versar sobre os problemas concretos. Como se prepara uma fuga tem de constituir um dos capítulos do livro. Talvez até tenha esse título.

Manivela sente um desejo trepidante de botar a mão nesse livro prático, de soluções práticas. Sabe que, uma vez de posse dele, estará com a chave para o seu caso. Terá sugestões, perspectivas... (MACHADO, 2005, p. 268-269. Grifos do autor.)

Sentindo-se privado de seu poder de iniciativa e de sua natural habilidade em resolver impasses, Maneco deposita todas suas fichas no livro que recebeu de Dr. Matos, apoiando-se na inusitada certeza de que na *Cartilha* haveria ensinamentos e instruções de como agir em uma situação semelhante à que se encontra. O despropósito da ideia salta aos olhos e revela o atarantamento da mente de Manivela, imerso em seu delírio persecutório e alienado, por conta disso, de seus meios tradicionais de resolução de inconvenientes. Frustrado seu plano de chegar sorrateiramente até o veículo onde se encontrava escondida a *cartilha*, Manivela, na manhã seguinte, põe de lado a ideia descabida de consultar o material em busca de saída para sua situação. Acuado ao extremo, o mecânico, após negociar a venda do veículo Borboleta, toma sua decisão. O último capítulo apresenta a marcha resoluta de Manivela em direção àquela que se tornou, para ele, sua única saída. Ao incendiar o veículo, Maneco assina sua condenação, abdicando de qualquer possibilidade de resistência.⁶

⁶ Em *Nuanças*, quando Maneco já adquiriu, em algum nível, um grau mais elevado de consciência, sua atitude diante da possibilidade de prisão é bastante diferente. Ao cair novamente na ilegalidade, Manivela opta por fugir, escondendo-se em diversos lugares antes de ter sua cidadania readquirida mediante intervenção do pai de Carmosina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui realizadas procuraram demonstrar a maneira em que estão formalizadas, em dois momentos distintos da obra de Dyonelio Machado, noções de impasse a respeito da possibilidade de emancipação das camadas pobres da sociedade brasileira, um dos temas centrais do Romance de 30. Em *Os Ratos*, a análise apontou a ocorrência de uma dinâmica precária de arranjo e “cavação” que conferia alívio momentâneo ao endividado Naziazeno, sem, no entanto, abrir-lhe alguma possibilidade de ascensão social. Pelo contrário: a lógica de favor entre pobres – que domina boa parte do enredo do romance – ocorre de maneira bastante instável, causando inclusive uma certa rivalidade entre os desvalidos, disseminada pelo cálculo e competição de uma sociedade que se moderniza, invadindo os espaços antes resguardados por certa autonomia em relação ao capital e obstando as possibilidades de uma solidariedade de classe. O limite da visão de Naziazeno é assumido na forma, que aproxima o leitor do seu ponto de vista ao mesmo tempo que informa-nos da ignorância do protagonista, no movimento tensivo de aproximação entre narrador e personagem via discurso indireto livre.

A possibilidade de politização, ausente em *Os Ratos*, aparece no horizonte de *Desolação*, escrito após a promulgação do Estado Novo e o recrudescimento da repressão de estado promovida pela ditadura Vargas. No entanto, a precariedade da consciência de Maneco Manivela, construída – tal como a de Naziazeno em *Os Ratos* – tanto no andamento do enredo quanto nas tensões narrativas, não permite saída redentora. Uma série de acontecimentos, quase que casuais, culminando no encontro de Maneco com o intelectual engajado, Dr. Matos, levam o mecânico a crer-se perseguido. O cerco repressivo abala profundamente Manivela, apartando-o de seu modo corriqueiro de agir. Como saída para sua situação, Maneco promove o incêndio do veículo Borboleta e do material subversivo recebido do Dr. Matos. O ato de Manivela, conforme já comentado, não parece indicar adesão a algum ideal libertário. O incêndio final – e a subsequente prisão de Maneco – figuram antes como obstáculo, como renúncia às possibilidades de luta e engajamento por parte do protagonista pobre, que deliberadamente caminha ao encontro de sua detenção.

Por fim, é importante ressaltar que este trabalho realiza uma leitura parcial, não pretendendo esgotar as possibilidades interpretativas dos romances analisados. O intuito principal foi apenas de tentar contribuir para o debate, abrindo, quem sabe, a possibilidade de um estudo mais prolongado, que aproveite esses apontamentos como ponto de partida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Homero José Vizeu; REIS, Octávio Augusto Linhares Garcia. Favor, dívida impagável e forma literária em Os Ratos. *Revista Cerrados* (Brasília. Online), v. 24, p. 39-53, 2016.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. “A Revolução de 1930 e a cultura” In _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Outro sobre azul, 2011a.

_____. “Literatura e subdesenvolvimento” In _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Outro sobre azul, 2011b.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2015.

FISCHER, Luís Augusto. *Coruja, Qorpo-Santo e Jacaré: 30 perfis heterodoxos*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GLEDSON, John. “O funcionário público como narrador: O amanuense Belmiro e Angústia” In: _____. *Influências e impasses – Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. “Sob o signo da solidão: Dyonelio Machado, autobiográfico”. In: MACHADO, Dyonelio. *O cheiro de coisa viva*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

_____. *Instituição Literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

IBGE. *Recenseamento 1920*. Rio de Janeiro: IBGE.

LÚKACS, György. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MACHADO, Dyonelio. *Desolação*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

_____. *Passos perdidos*. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

_____. *Os ratos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

_____. *O louco do Cati*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

_____. *Nuanças*. São Paulo: Moderna, 1981.

MORETTI, Franco. *O burguês*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. “Jeitinho e Jeitão: Uma tentativa de interpretação do caráter brasileiro”. *Revista Piauí*, Rio de Janeiro, n. 73, p 32-34, outubro de 2012.

PACHECO, Ana Paula. “Na boléia de Borboleta” (pós-facio). In MACHADO, Dyonelio. *Desolação*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

PAES, José Paulo. “O pobre diabo no romance brasileiro”. In _____. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARZ, Roberto “Sobre Adorno (entrevista)”. In _____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das letras, 2012a.

_____. “Agregados antigos e modernos”. In _____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das letras, 2012b.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VANGELISTA, Chiara. “Papel moeda/papel engraxado: o dinheiro nas relações sociais – uma leitura de *Os ratos* e de *Raízes do Brasil*” In PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, 2000.

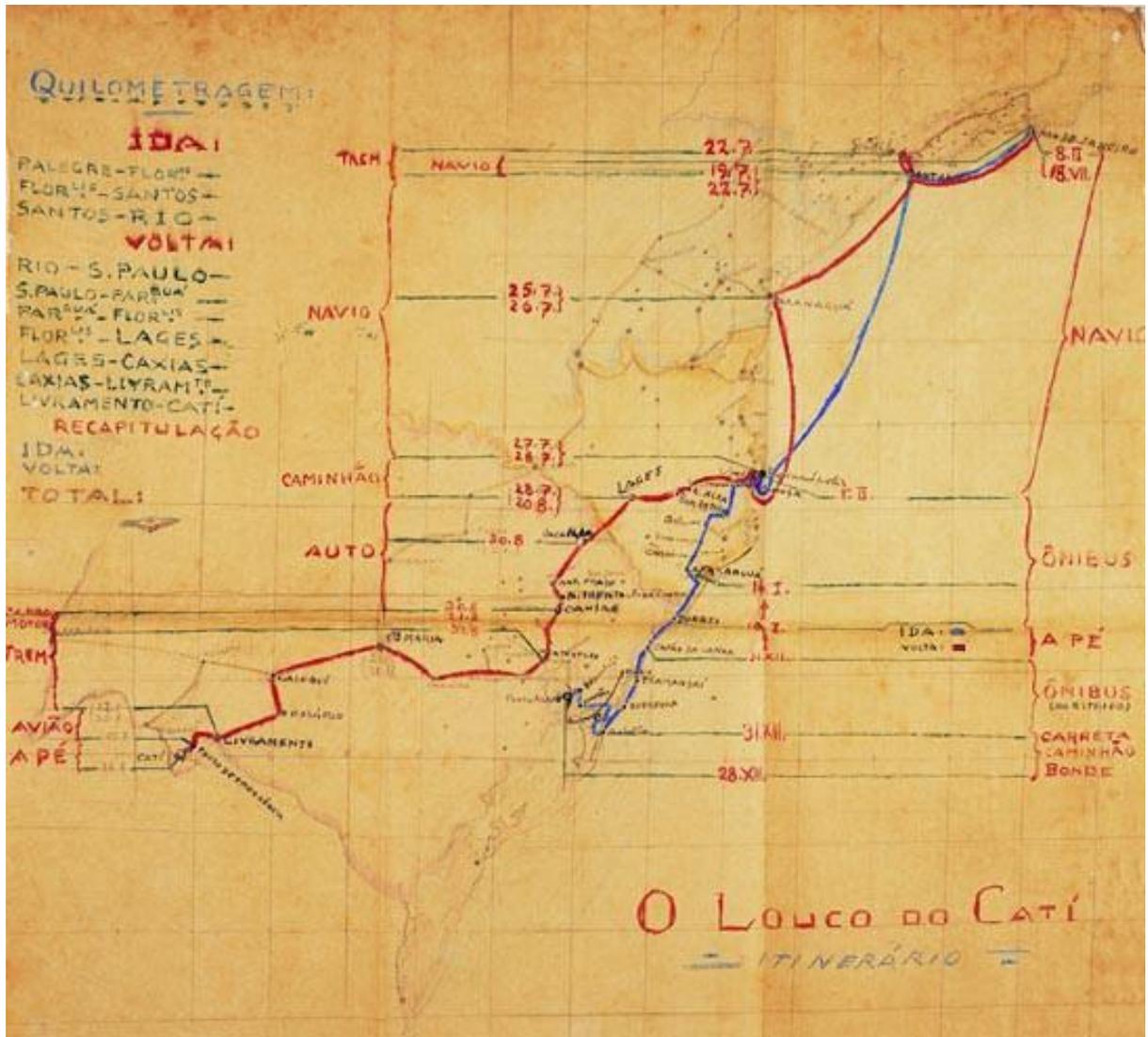
VECCHI, Roberto. “Ratos cordiais e raízes daninhas: formas da formação”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura* Porto Alegre: Ed. Universidade/ Ufrgs, 2000.

VEDDA, Miguel. “Apresentação”. In: LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANEXOS



ANEXO I – Mapa da trajetória percorrida em *O Louco do Catí*, impresso na contra capa da edição usada neste trabalho. Em azul, o percurso desenvolvido na ida. Em vermelho o caminho de retorno do Louco até o Catí, na fronteira oeste do estado. No mapa, também estão indicados os meios de transporte utilizados em cada momento da trajetória.



ANEXO II – Indicação da trajetória da viagem de ida de Porto Alegre até o Quintão. No ponto A está a capital gaúcha, local de partida. Em B, Palmares, onde os amigos passam a noite. A decisão de realizar a viagem pela estrada de Palmares é tomada por Norberto, em uma de suas precauções na tentativa de escapar da polícia. Finalmente, o ponto C indica Quintão, onde, após passarem um dia, Norberto e o Louco separam-se do restante do grupo e seguem viagem em direção ao norte.



ANEXO III – Trajetória da viagem de retorno. O ponto A corresponde aos arredores de Quintão, incluindo, também, o rancho do praieiro, localizado no “Passo do Sangradouro”. O ponto B indica a casa do seu Ivo, que fica entre Quintão e Capivari. No ponto C está indicado o local onde o Borboleta estraga em definitivo, nos arredores de Capivari. D corresponde à pousada em Águas Claras, onde Maneco conhece Dr. Matos. O ponto E, por fim, indica o Hotel Saraiva e arredores, em Viamão.



ANEXO IV – Mapa dos capítulos de *Desolação*. No esquema, estão indicados quais capítulos se passam em cada um dos pontos da trajetória de retorno dos três amigos. No ponto A, há trechos dos capítulos III, IV, e V. Em B, temos os capítulos V e VI. O capítulo VII se passa entre A e B, na estrada. O ponto C abriga o flashback presente no capítulo II e sua retomada, no capítulo VIII. Na pousada de Águas Claras, indicada no mapa pelo ponto D, passam-se trechos dos capítulos I, II e III, bem como a sequência que vai do capítulo IX ao XVII. No ponto E, finalmente, ocorrem todos os acontecimentos que vão do capítulo XVIII ao XXXI. O objetivo desse mapa é chamar a atenção para dois andamentos distintos ao longo do romance: um cheio de idas e vindas, compreendido entre o capítulo I e o capítulo IX e outro, mais linear, que vai do capítulo X ao XXXI.